

## Os Índigenas e o Movimento das Entradas e Bandeiras

### Introdução

Antônio Raposo Tavares, que percorreu grande parte do continente sul americano – saindo de São Paulo, atingindo o Peru, alcançando o Alto Amazonas e o Pará, e daí retornando ao ponto de origem –, está entre as figuras mais representativas dos sertanistas que, através das entradas e das bandeiras, ajudaram a conquistar o Brasil. As entradas – expedições de caráter oficial – foram organizadas primeiro com o objetivo de reconhecer a terra e submeter os índios, e depois para procurar riquezas minerais. As bandeiras, de responsabilidade particular, tiveram início no começo do século XVII: os bandeirantes capturavam índios e, como Fernão Dias Pais, buscavam também pedras preciosas. Mais tarde, encontraram ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Com diversos objetivos – desde a simples exploração da terra, para seu melhor conhecimento, até a procura de metais e pedras preciosos e a captura de índios para serem usados como mão de obra escrava – foram organizadas, desde o início do século XVI até o século XVIII, várias expedições ao interior, conhecidas como entradas e bandeiras e que vieram a ser também as maiores responsáveis pela expansão territorial do Brasil. As entradas eram organizadas com recursos oferecidos pela coroa portuguesa, e por isso tinham caráter oficial. Logo após o “achamento” da terra partiram as primeiras expedições desse tipo em direção ao interior do país. Cerca de cem anos mais tarde, formadas independentemente de autorização do governo, e muitas vezes contrariando algumas de suas determinações, surgiram as bandeiras, sob a responsabilidade particular. Geralmente saindo de São Paulo, os bandeirantes visaram primeiro ao *aprisionamento de índios*, mas depois partiram também em busca de metais preciosos. Possuindo maior liberdade de ação, as bandeiras tiveram uma importância histórica bem mais notável do que as entradas.

### Início das Entradas

A primeira entrada de que se tem notícia foi realizada por Américo Vespúcio, que partiu de Cabo Frio em 1504. Depois, até 1531, ano em relação ao qual se tem registro de três expedições ordenadas por Martin Afonso de Sousa, são imprecisas as informações sobre a organização de entradas. A primeira dessas três expedições partiu da Guanabara em maio de 1531, e em 60 dias percorreu 230 léguas, sem que no entanto se saiba por onde andou. A segunda teve Cananéia como ponto de partida: instigado por Francisco de Chaves, que garantiu a obtenção de enorme carregamento de ouro e *aprisionamento de índios*, Martim Afonso de Sousa fez equipar 80 homens, que sob a chefia de Pero Lobo, saíram para o interior e nunca mais regressaram. Foram todos exterminados pelos índios num local situado entre os rio Iguaçu e Paraná. A terceira entrada teve o rio da Prata como meta, mas não se registrou notícia de seus resultados. Durante o resto do século XVI, muitas outras entradas foram formadas, algumas fracassando em seus objetivos, mas muitas outras – principalmente as organizadas pelos jesuítas – sendo bem sucedidas. A expedição de Cristóvão de Barros, em 1574 e 1575, quase exterminou os índios Tamoios de Cabo Frio. O capitão-mor do Espírito

Santo, Miguel de Azeredo, empreendeu campanha contra os Goitacases, sem que haja, porém, documentação a respeito dos resultados obtidos.

### **A conquista de regiões**

A conquista de regiões ainda ocupadas pelos índios foi outro dos objetivos das entradas. Luís de Brito de Almeida, governador da parte norte do Brasil, enviou Garcia d'Ávila para conquistar Sergipe. Luís Álvares Espinha saiu de Ilhéus no rumo do ocidente, percorrendo mais de 30 léguas. Francisco Caldas e, depois, Gaspar Dias de Ataíde partiram de Pernambuco para o sertão do São Francisco. Da Capitania de Pernambuco saiu também Francisco Barbosa da Silva, que chegou a Cotinguiba, Sergipe, em 1578, tendo sua expedição destroçada. Em 1584, saindo de Pernambuco, Frutuoso Barbosa, apoiado pela esquadra de Diogo Flores Valdez, ocupou a Paraíba. A Capitania de Sergipe foi conquistada entre 1587 e 1590 por Cristóvão de Barros, que venceu o chefe indígena Boipeba. Foram ainda enviadas entradas a Alagoas e ao Rio Grande do Norte. Para o Maranhão partiram duas, ambas sem sucesso, entregues a Aires da Cunha e a Luís de Melo.

As entradas que se formaram em busca de metais nobres e de pedras preciosas são classificadas em quatro grupos ou ciclos: baiano, sergipano, espírito-santense e cearense. O grupo baiano teve início por volta de 1538, quando partiram expedições de Porto Seguro, em busca de esmeraldas. Os boatos sobre a existência dessa pedra preciosa devem ter animado, depois, o primeiro governador geral, Tomé de Sousa, que organizou duas entradas, em ambas saído de Porto Seguro, com a finalidade de descobrir esmeraldas no sertão. A primeira chefiada por Miguel Henriques, partiu em 1550, mas não chegou a desembarcar em terra para iniciar sua caminhada em direção ao sertão, tendo naufragado na foz do rio São Francisco. A segunda entrada saiu em 1554, sob o comando de Francisco Bruza de Espiñosa, e, ao que parece, entrou pelo rio das Caravelas, chegando à região da atual Diamantina. Outra expedição do chamado grupo baiano foi a de Vasco Rodrigues Caldas, que atingiu a chapada Diamantina em 1561. Essa entrada, atacada pelos *índios Tupinaés* nas nascentes do rio Paraguaçu, retornou sem ter feito grandes descobertas. Tentativa de maior vulto foi a entrada de Sebastião Fernandes Tourinho, que percorreu grande área da região habitada pelos *índios Aimorés*, entre os rios Doce e Jequitinhonha, em busca de esmeraldas. Realizada em 1572 ou 1573, a expedição de Tourinho compunha-se de 400 homens.

No grupo sergipano, a entrada mais importante foi realizada por Bechior Dias Moréia, neto de Caramuru, e que, instigado pelos amigos de Gabriel Soares, também partiu em busca de esmeraldas. Depois de oito anos, foi dado como morto, parecendo, porém, ter conseguido chegar à chapada Diamantina. As entradas do grupo espírito santense seguiram os caminhos de Tourinho e Adorno. A mais expressiva foi a de Diogo Martins Cão, que recebeu auxílio de São Paulo e partiu para o interior em 1596, ainda à procura de esmeraldas. As tentativas cearenses não tiveram sucesso. Entre elas, destacam-se as entradas dos Padres Francisco Pinto e Luís Filgueiras, mas o Ceará continuou domínio dos indígenas. Ao contrário das expedições compreendidas nos quatro grupos descritos, as entradas paulistas do século XVI visavam principalmente ao *aprisionamento de índios*. Sobressaíram a de 1562, comandada por João Ramalho e organizada em represália ao ataque dos índios do Paraíba contra São Paulo; a de 1565, que tinha José de Anchieta como intérprete e pretendia atingir os *índios do*

*Anhembí*; e a de 1585, que sob a chefia de Jerônimo Leitão atingiu Paranaguá. Os portugueses empreendiam entradas contra índios, e estes contra atacavam como meio de defesa.

Pressionado pela Câmara de São Paulo, que temia um ataque à vila, o capitão mor de São Vicente, Jorge Correia, efetuou em 1594 uma campanha contra os *índios Carijós e os Tupinaés*. Mas a ameaça dos *ataques indígenas* só terminaria após as entradas de Manuel Soeiro e João Pereira de Sousa. Em 1628, foi organizada uma bandeira para acabar com as missões jesuíticas do Guaíra, ou Guairá, e do Tape (região central do atual Estado do Rio Grande do Sul). Embora fosse chefiada por Manuel Preto, já bem idoso, sua organização deveu-se a Antônio Raposo Tavares. Esta bandeira – a maior dentre todas as até então organizadas – composta por 900 mamelucos e 200 índios divididos em companhias dirigidas por 69 paulistas. Uma dessas companhias tinha a chefia de Antônio Raposo Tavares. Os paulistas seguiram pelos campos de Iguaçu, atravessando o Tibagi, onde construíram um campo entrincheirado, começando, então, as hostilidades contra os jesuítas. Durante uma trégua pedida pelos missionários, ficou estabelecido que os bandeirantes não atacariam os *índios catequizados*. O acordo foi cumprido até que um prisioneiro dos paulistas – ex-habitante da missão – fugiu e pediu asilo aos padres. Os bandeirantes exigiram a entrega do fugitivo, a que se negaram os jesuítas. A luta recomeçou e a aldeia de Santo Antônio foi destruída. Os que conseguiram fugir refugiaram-se em São Miguel, que também não conseguiu escapar à ação da bandeira de Manuel Preto. Os frutos, para os bandeirantes, foram bem compensadores, com o *apresamento de muitos índios*.

Em janeiro de 1636, Antônio Raposo Tavares deixava São Paulo, comandando 120 paulistas e mais de mil índios Tupis. Dirigindo-se ao Tape e fazendo o caminho por terra, a bandeira de Raposo Tavares levou dez meses para alcançar seu objetivo. Durante a caminhada foi fazendo devastações e *preando índios*. Quando finalmente atingiu a região do Tape, além dos Tupis que a acompanhavam, a bandeira tinha incorporado um grande número de *índios Guaranis*. A 20 de junho de 1637, Antônio Raposo Tavares já se encontrava de volta a São Paulo: conseguira apresiar um *grande número de índios*, tomara duas aldeias no tape, e fizera com que os jesuítas abandonassem as demais. O meridiano de Tordesilhas, mais uma vez, fora ultrapassado. Dilatavam-se os limites portugueses.

No início de 1637, já uma nova expedição deixava São Paulo com destino a região do Tape. Organizada por Francisco Bueno, essa expedição realizou tamanhas devastações que, antes de atingir as reduções, os *índigenas* já haviam fugido apavorados. Chegando a São Nicolau de Piratini, os bandeirantes tomaram a aldeia após algumas lutas. Expulsos para além do rio Uruguai, restavam aos jesuítas apenas as reduções situadas no Ibicuí. No ano seguinte, também *em busca de índios*, partiria a expedição de Fernão Dias Pais, que, tendo tomado as duas últimas reduções do Ibicuí, regressou a São Paulo em 1639. Seu irmão, Pascoal Leite Pais, não teve a mesma sorte. Sua bandeira foi vencida pelas forças espanholas do governador do Paraguai, D. Pedro de Lugo y Navarre.

Em 1640, foi preparada uma grande expedição que deveria expulsar definitivamente os jesuítas da região da região do Tape e do Prata, e cujo comando foi entregue, segundo documentos antigos, a um destes três nomes: Jerônimo Pedraco, João Pires e Manuel Pires. A fase de insucessos, no entanto, prosseguia, e os paulistas foram derrotados pelos jesuítas e seus aliados, os Guaranis, a 16 de março de 1641, em Mbororé. Antônio Raposos Tavares, veterano

de várias campanhas partiria em 1648 mais uma vez rumo ao sertão, na expedição que se transformaria numa de suas maiores realizações, e da qual entregou parte do comando a André Fernandes. Dividindo a expedição em duas colunas; Raposo Tavares tomou Mboimboi, no Paraguai, enquanto André Fernandes atacava por Maracaju. O ataque dos paulistas causou grande alvoroço. Os espanhóis, sem muitos recursos para sua defesa, insistentemente faziam pedido de reforços a Assunção. Enquanto as autoridades paraguaias estudavam o problema, os bandeirantes agiam. E quando os reforços chegaram às redenções, eram já inúteis: André Fernandes havia retornado a São Paulo, enquanto Raposo Tavares embrenhava-se pelo sertão em busca das minas do Peru.

Durante três anos, Raposo Tavares e seus homens empreenderam a gigantesca tarefa de, saindo de São Paulo, atingir o Peru, tomar o alto Amazonas e descer por ele até o Pará, daí retornando a seu ponto de origem. Durante esta jornada muitos foram os que ficaram pelo caminho: com 59 brancos e alguns índios, Raposo Tavares voltou a São Paulo velho e alquebrado, surpreendendo, no entanto, a muitos, que o acreditavam morto.

As transformações políticas ocorridas na Europa desde que tivera início o ciclo das bandeiras não atingiriam o movimento. Sob a tutela da Espanha, ou libertando-se dela em 1640, a situação da metrópole portuguesa não modificava as atividades bandeirantes. E de São Paulo continuavam a partir expedições entre elas a de Manuel de Campos Bicudo, a de Manuel Dias da Silva e a de Bartolomeu Bueno da Silva.

Manuel de Campos Bicudo esteve no interior várias vezes, sendo que em 1673 realizou uma expedição de que participou seu filho Antonio Pires de Campos, então com 14 anos. A bandeira de Campos Bicudo destinava-se ao apresamento de índios, mas acabou descobrindo ouro no rio Paraupava. Por essa mesma época, Manuel Dias da Silva penetrava pelo sertão, chegando à cidade de Santa Fé, no Paraguai, onde encontrou mais prata.

Também *com o objetivo de capturar índios*, Bartolomeu Bueno da Silva partiu, em 1676, de Paranaíba, entrando pelo sertão goiano até atingir o rio Araguaia. Quando procurava o caminho para o rio Vermelho, Bueno da Silva encontrou os pacíficos *indígenas Goíás* – que dariam o nome à região. Notando que as mulheres indígenas usavam adornos de ouro, o bandeirante tentou por todas as formas obter a localização das minas, sem nada conseguir. Até que pôs em prática uma ideia, conseguindo atemorizar os índios: ateou fogo à aguardente contida numa cabeça e ameaçou fazer o mesmo com a água dos rios e das fontes. Amedrontados, os índios chamaram-no *Anhanguera*, que significa espírito do mal ou *diabo velho*. Pertencente a uma família de bandeirantes, Bartolomeu Bueno levava seu filho, Bartolomeu Bueno da Silva, nesta expedição. Bueno da Silva, filho, tinha 12 anos na ocasião e viria a transformar-se também em sertanista, recebendo o mesmo apelido de seu pai.

Tendo no *apresamento de índios* seu principal objetivo nesta fase, os bandeirantes participaram ainda *da luta contra os indígenas* que continuavam ameaçando a capital da colônia, Salvador. Em 1658, finalmente, sob a chefia de Domingos Barbosa Calheiros – auxiliado por Fernando Camargo e Bernardo Sanches de Aguiar –, os bandeirantes partiram para o Nordeste. Mas não tiveram melhor sorte do que os portugueses. *Os índios Paiaíases*, aos quais se aliaram para mais facilmente encontrarem as *aldeias inimigas dos Maracavaçus e Tópinis*, enganaram os bandeirantes, fazendo-os andar em círculos pela selva, sem atingir

seus objetivos. Os paulistas foram sendo vencidos pela fome e pelo cansaço, e por fim regressaram sem nada conseguir.

A segunda metade do século XVII viu encerrar-se o ciclo explorador *ciclo das bandeiras de apresamento dos índios*. Reconquistada pelos portugueses em 1648, Angola voltava a fornecer o trabalho escravo exigido pelas lavouras nas colônias. E o braço negro além de prestar-se melhor a esta condição do que o do indígena, não contava com a proteção dos jesuítas. Empenhados a defender os índios, os jesuítas descuidavam-se dos negros. Perdida sua importância econômica, os índios deixaram de interessar aos bandeirantes. Um novo ciclo, de igual importância, iria surgir. A busca agora era de metais e pedras preciosas. O sonho dos portugueses, desde que aqui haviam chegado, começaria a transformar-se em realidade.